

“A legitimidade da escolha do reitor está na participação significativa da comunidade acadêmica”

Em 1987, a comunidade acadêmica vivia um importante momento político para a construção do processo de democratização da universidade. A escolha do reitor deixava de ser indicação do governo e passava a ser através do voto de cada categoria. Ainda estudante da Uefs, Eurelino Coelho, hoje professor da instituição, participou de todo o processo, defendendo a candidatura da oposição, que, segundo ele, representava independência diante do governo Waldir Pires.

Abaixo, leia entrevista em que o professor conta essa história.

Adufs - Qual era o cenário político nas primeiras eleições da Uefs?

Eurelino Teixeira Coelho - *Vivíamos na repercussão da campanha das diretas, que sacudiram o Brasil em 1984/85 exigindo o fim da ditadura e eleições diretas para presidente. Tempo de crescimento das lutas de trabalhadores da cidade e do campo, de construção de organizações novas no plano partidário e de representação de classe. Eleger o reitor por voto direto foi uma bandeira quase natural, naquele contexto. A Uefs tivera somente reitores de confiança dos governadores, quer dizer, do grupo ligado ao chefe Antonio Carlos Magalhães, homem forte da ditadura na Bahia. Reivindicávamos um reitorado de confiança da comunidade universitária, respeito à autonomia da universidade.*

Adufs- O fato de Yara Cunha ter sido uma presa política na Ditadura Militar tinha peso na representação de seu nome como candidata? Vocês tinham conhecimento disso?

Coelho - *Yara era uma pessoa respeitada por suas qualidades como professora e também por ter sido perseguida pela ditadura, ou seja, por não ter compactuado com o regime militar. Isso era bem conhecido, mas não foi muito destacado na campanha ou nos debates. Por outro lado, quando a eleição para reitor aconteceu, o governo da Bahia já estava nas mãos de Waldir Pires, do PMDB, um aliado de Yara. Isso significava que, trocados os sinais, teríamos com ela novamente uma reitoria de confiança do governo, uma reitoria governista. Isso tinha certo peso na avaliação que gente como eu, engajado no movimento estudantil, fazia das candidaturas. Por isso, apoiamos outro candidato, Naidison Baptista, que manifestava claramente sua independência diante do governo e seu compromisso com as pautas da comunidade acadêmica.*

Adufs - Como foi a campanha para as eleições? Foram realizados debates? Houve grande participação da comunidade acadêmica?

Coelho - Todo o processo, mesmo antes da campanha, envolveu intensa participação da comunidade universitária. Nunca havíamos feito eleições para reitor, mesmo no Brasil era algo muito novo, precisávamos inventar a forma de fazer, e inventamos! O espaço dessa criação foram as assembleias gerais universitárias, com participação de centenas de funcionários, professores e estudantes. Um esforço gigantesco. Muito debate, grandes, difíceis e riquíssimas discussões para aprovarmos o regimento eleitoral. A campanha foi muito intensa também, com três chapas concorrendo. Debates, os oficiais e também os de corredores, salas de aula, locais de trabalho.

Adufs - Havia reconhecimento sobre aquele momento histórico vivido pela Uefs?

Coelho - Sim, sempre ouvíamos, sobretudo dos mais velhos, menções sobre o caráter histórico e inovador de tudo o que estávamos vivendo naqueles dias inesquecíveis.

Adufs - Quando relembra esse período e o compara com o atual contexto, qual a principal diferença e/ou semelhança?

Coelho - Tínhamos, naquele tempo, a ditadura para terminar de liquidar. Lutar por democracia na universidade era parte da luta pela democratização da sociedade. A grande mobilização que vivemos tem a ver com aquele contexto. Hoje, os inimigos da democracia, ao menos na aparência, são minoria. Por outro lado, temos uma eleição com chapa única, o que também não contribui para acirrar o debate. Mas a conexão principal de hoje com o passado é que o movimento Mais Uefs é a continuação, no presente, da luta por um reitorado independente de governos e responsável perante sua base; o mesmo projeto que vi incendiar a universidade em 1987, os mesmos princípios, e, inclusive, com muitas pessoas que estiveram nos dois momentos.

Adufs - Qual a importância da participação da comunidade acadêmica nesse processo?

Coelho - Importância máxima! A conquista do direito de escolher o reitor só se legitima se for referendada por uma participação significativa. Se a comunidade acadêmica demonstrar indiferença diante do processo, como defendê-lo perante os que acham que a reitoria deve ser um cargo de confiança do governador de plantão?

Eurelino Coelho é professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) desde 1993, onde atua nos cursos de pós-graduação e graduação em História e coordena o Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU). Graduiu-se na mesma instituição no curso de Licenciatura em História, tem mestrado em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF).